

Prólogo  
Valsa de Iowa

Posso dizer com exatidão - crescente ou tire um minuto ou dois - quando foi que a democracia americana ressuscitou, pois eu estava lá: 19h15, horário central dos Estados Unidos, 3 de janeiro de 2008, distrito 53, Escola Secundária Theodore Roosevelt. Posso dizer com segurança porque estava conferindo regularmente o meu relógio, e, além disso, não dava para não ver o grande relógio da escola, com sua velha face branca que tem sido o objeto do ódio e da saudade de várias gerações de adolescentes. Imagino que um visitante de outro mundo - de Londres, por exemplo - teria achado que não havia nada de muito especial acontecendo na zona oeste de Des Moines naquela noite. Minivans encostavam no posto de gasolina Kum & Go, como de costume; homens corpulentos em jaquetas volumosas moviam-se ruidosamente enquanto enchiam o tanque de seus veículos. Sacos de sal eram arrastados pelo átrio, o plástico brilhando sob a luz fria alaranjada. Depois de vários meses de manobras e falatório de autopromoção, era chegada a hora de os eleitores de Iowa revelarem seu julgamento sobre quem eles achavam que deveria ser o 44o. presidente dos Estados Unidos. Eles iriam, segundo os escribas da mídia, "separar o joio do trigo", e os nativos de Iowa gostam de uma boa joieira. Mas não era como se um cartaz pendesse do céu frio anunciando um DIA HISTÓRICO. As calçadas não estavam cobertas de panfletos de campanha descartados, nem as vitrines do centro gritavam, a cada três lojas, HUCKABEE na sua cara. Ninguém, que eu tenha ouvido, buzina por Hillary. Depois de alguns dias dirigindo regularmente por Des Moines, o único que encontramos segurando um cartaz na esquina foi um solitário devoto do libertário Ron Paul, esquelético e cabeludo como um João Batista invernal, que aclamava seu herói no centro da cidade deserto. De vez em quando um carro dava uma buzina para passar, e o paulino sacudia o cartaz, e em seguida o apoiava no chão para esquentar o peito com os braços. Aí, ele dava alguns pulos para manter o ânimo e impedir que o sangue congelasse no cérebro. Portanto, embora de trás das janelas dos carros um bocado de acenos alegres de "estamos em evidência" se dirigisse aos forasteiros, Iowa talvez fosse simplesmente muito frígida para o entusiasmo do voto. Assim, eu disse a Jack Judge, o motorista da equipe, enquanto os cinegrafistas e o diretor filmavam sob o vento cortante umas lindas cenas de restolhos congelados de milho: "Importante, hein, Jack?". Jack tirou a boina, afastou uma mecha de cabelo grisalho da testa enrugada, ergueu os óculos que mantinha em uma corrente em volta do pescoço, deu um bafo nas lentes, desembalou-as com um lenço de papel e declarou: "Muito importante". Jack era a pessoa certa para aquela pergunta, pois ele próprio tinha sido mais ou menos um político. Menino de fazenda de Melrose, município a oitenta quilômetros ao sul do estado, ele teve de crescer depressa para substituir o pai, que havia perdido os dedos em um acidente com uma máquina de ceifar e debulhar milho. Jack cuidava dos porcos, das ovelhas e das galinhas, colhia o milho e a soja manualmente, e transformava madeira em tábuas de cerca da melhor maneira que podia. "A gente tinha água corrente", ele ria, "daquele tipo que você tinha que correr para pegar com o balde." Ele já estava com 73 anos, mas ainda era firme e atraente; era só bater o olho em seu rosto honesto para ver um homem que faria de tudo pela família e pela comunidade. Um dia, na baixa temporada de 1960, com os campos congelados como agora, um jovem senador de Boston, de origem irlandesa, veio até Melrose, cidade sem nenhuma importância, mas localizada ao norte, no caminho de quem vai para Des Moines. E sem Des Moines - e sem Iowa - em geral ninguém consegue ser candidato a presidente. O senador parou em um café por pouco tempo, mas o suficiente para Jack observar os cabelos charmosamente desgrelhados, as sardas atraentes, os gracejos e as caretas alegres para as câmeras. Ao redor de Kennedy, homens que falavam rápido, com seus chapéus de feltro, puxavam ansiosamente cigarros do maço enquanto sacudiam jornais abertos ou enfiavam moedas nos telefones públicos. O candidato já havia percorrido vários quilômetros em Iowa naquele inverno, mas em Melrose ele esbanjou tanta espontaneidade, como quem derrama mel sobre panquecas, que Jack Judge simplesmente resolveu na hora ajudar na campanha. Embora as letras "a" em staccato curto das palavras do senador dessem a impressão de que ele não estava falando inglês, pelo menos não do jeito que Jack estava acostumado a ouvir, não se poderia duvidar de sua esperteza nem de seu apetite por ação e por poder, o que teria, em circunstâncias normais, provocado suspeitas em Jack. Mas dessa vez, por alguma razão, não provocou. Todos na família Judge sempre foram democratas, até onde eram capazes de lembrar, educados e instruídos na velha tradição populista do Meio-Oeste, o tipo de política do pregador religioso de interior, que não hesitava em culpar o dinheiro das grandes metrópoles pelos males das cidades pequenas. E, como eles eram o celeiro do país, também não tinham nenhuma vergonha de esperar do governo alguns favores para as pequenas propriedades com problemas: empréstimos a juros baixos, preços decentes pelo milho e pela carne, mercados garantidos. Para eles, tudo bem que o candidato viesse de um mundo completamente diferente, desde que fizesse algum esforço para entender o deles: as manhãs cruas antes de o sol nascer, a miséria desolada da seca que fazia as poucas folhas nos pés de milho inclinar e definhar como papéis esfarrapados, o peso de não poder esquecer o encontro com o gerente do banco antes do outono. Apesar dos isqueiros longos e da elegância sedosa, FDR sempre olhara por eles, como ficava claro com a AAA (Administração de Ajustamento Agrícola); e Harry Truman, de Missouri, era quase como um deles. Eles queriam ter gostado de Adlai Stevenson, por ser de Illinois, mas Adlai, com seu ar intelectual de Princeton, se expressava de uma forma tão esnobemente superior que acabara se tornando uma candidatura difícil de vender, sobretudo na disputa com Ike, o herói de guerra. Quanto a Kennedy, o interessante é que, embora não fosse menos urbano que Stevenson, ele conseguia fazer com

que sua inteligência parecesse uma esperteza familiar e prática, como o colegial arrogante que podia debater na quinta-feira e jogar futebol na sexta. Portanto, ninguém se indispôs contra sua forma jovial de dizer "sei como resolver isto e aquilo", especialmente quando ele se sentava para ouvir as histórias sobre os tempos difíceis, e quando prometia fazer tudo que estivesse ao seu alcance para ajudá-los a manter as fazendas de suas famílias. Eles sabiam que todos os políticos falavam dessa forma quando estavam lutando por votos, mas este parecia realmente sincero. E ele próprio cheirava um pouco a dinheiro, ao que ninguém tinha muita objeção.

Assim, Jack Judge foi trabalhar na campanha de Kennedy dirigindo sua velha caminhonete pelas alegres e esburacadas estradas secundárias que levavam a Moravia e Promise City, a Mystic e Plano, participando de comícios pela candidatura do católico de Boston que ainda era considerado o azarão na corrida contra o vice-presidente Nixon. Jack ouviu muita choradeira, com razão, de pessoas que alegavam que ninguém tinha condições financeiras de comprar um trator, agora que custava tão caro, que não era possível sobreviver economicamente com menos de mil acres, e que então era apenas uma questão de tempo até que acabassem tendo de dizer sim a algum grande agronegócio faminto por terra. E Jack compreendia aquelas pessoas que, por orgulho, não iam direto ao governo pedir ajuda, mas estavam em uma situação tão difícil que queriam ouvir propostas sendo oferecidas. Então, dava a essas pessoas alguma coisa em que se agarrar, uma esperança de que alguém em Washington estaria disposto a lhes dar atenção. Tanto Jack Judge sabia ouvir as pessoas e responder do jeito que o povo do lugar gostava de ouvir, que acabou conquistando a confiança dessa gente com o passar dos anos, e assim as pessoas passaram a lhe perguntar abertamente, quando se encontravam nas lojas de sementes, por que cargas-d'água ele próprio não se candidatava a alguma coisa. Após anos colocando-se timidamente em segundo plano, Jack acabou aceitando a sugestão e candidatou-se a um cargo, do jeito que faz a democracia ser uma coisa verdadeira: gastando 65 dólares em cartazes de "Vote em Judge" e elegendo-se vereador da sua cidade.

"E como é que foi, Jack?"

"Ah, eu até gostei daquilo, mas, sabe, todo mundo leva tudo para o nível pessoal. Se um sujeito tinha algum problema no semáforo, ou com o cachorro do vizinho, ele me ligava, completamente bêbado, ou até vinha esmurrar a minha porta como se fosse o caso de a gente declarar uma guerra."

Jack riu uma daquelas longas risadas que se ouvem nos cafés da manhã em Iowa.

"Então por que você acha que desta vez é importante?"

"Diabos, você sabe tão bem quanto eu que o país está na pior, nem sei quando o vi tão mal assim."

Não era apenas o contínuo rufar amortecido dos tambores pelos rapazes interioranos de Iowa que seriam homenageados em serviços fúnebres no campo de futebol da escola secundária, ou pelos que saíam mancando de ambulâncias com sorrisos de cortar o coração enquanto suas mães se acabavam por dentro para conseguir conter o choro. Não, não era apenas isso que deixava Jack Judge furioso, mas era o furacão Katrina com as imagens na televisão de cadáveres de americanos boiando nas superfícies empoçadas. Era a polícia de Gretna, Louisiana ("Cidade pequena, coração grande", segundo o website municipal), apontando suas armas para as pessoas que tentavam cruzar a ponte do Mississippi para fugir do perigo, desesperadas para encontrar algum lugar onde pudessem apenas tomar um banho e passar a noite. Era o presidente, que afinal descia de helicóptero no meio da calamidade, terrivelmente atrasado, e que negava com cara feia que alguém pudesse ter percebido a tempo que os diques estavam prestes a se romper (muitos perceberam e tentaram avisar a quem se dispusesse a ouvi-los). E então o presidente sorria um sorriso largo enquanto apoiava o braço ao redor dos ombros do diretor da Agência Federal de Emergência, que deveria cuidar daquela confusão, e o parabenizava por ter realizado um "excelente trabalho". Aquilo deixava Jack Judge de estômago virado. Como a maioria dos americanos, ele ficava furioso quando as coisas não funcionavam direito, inclusive as obrigações óbvias de decência. Atualmente, Jack se preocupava com seu garoto, o neto que ele criou depois que a mãe se perdeu nas drogas. O menino era muito bom na parte acadêmica da escola secundária, mas seu talento verdadeiro era a luta livre: tinha nível de campeão estadual. Ele foi à luta (como Jack gostava de dizer) e conseguiu abrir caminho para todas as faculdades dos seus sonhos em Iowa. Portanto, essa questão já estava resolvida, mas Jack às vezes acordava no meio da noite preocupado com o que poderia acontecer depois; se o rapaz seria recrutado para o serviço militar obrigatório, que poderia voltar a existir caso o país continuasse mandando tropas para tudo quanto é lugar, ou que tipo de trabalho ele conseguiria fazer na área rural de Iowa, onde a economia tanto na cidade quanto no campo ia ladeira abaixo. E quem, entre os candidatos democratas, Jack achava que poderia cuidar do futuro de seu neto e do país? "Obama", ele disse, o que de certa forma me surpreendeu. "Parece-me um cara com os pés no chão." "Obama: um cara com *os pés no chão?*", duvidei, maravilhado, ao lembrar as tiradas agudas do senador de Illinois, com sua mentalidade lógica cortante, forjada na Escola de Direito de Harvard, combinada a uma adquirida cadência de gospel e linguagem corporal meio malandra. Não exatamente o tipo de pés no chão que costumava empoleirar-se nos bancos das lanchonetes de Des Moines. Mas eu estava equivocado sobre o tipo de lugar que Des Moines era na verdade. E me dei conta de que, se as pessoas como Jack Judge estivessem se encantando agora como ele próprio se encantara em 1960, aquela noite iria ser muito interessante.

Mas quão diferentes esses *caucuses* de Iowa seriam dos de outros anos eleitorais, ainda ninguém sabia. Tanto entre republicanos quanto entre democratas, e também entre aqueles que não pertenciam oficialmente a nenhum dos dois partidos, já era lugar-comum dizer que a eleição de 2008 selaria o destino da direção política a ser tomada pelos Estados Unidos, e também pela maior parte do resto do

mundo. Os republicanos tinham ficado abalados pela incapacidade dos 150 mil soldados no Iraque e no Afeganistão de assegurar a "missão cumprida" alardeada no discurso prematuro de vitória do presidente George W. Bush a bordo do USS *Abraham Lincoln* em 1o. de maio de 2003. Por mais que se repetisse a ladainha de que depois do Onze de Setembro a única opção era a vitória ou a capitulação aos terroristas, os que realmente acreditavam nela se esvaíam. Alguns deles, como o ousado senador por Nebraska e herói do Vietnã Chuck Hagel, por exemplo. Ele rompera com a linha de seu partido e tivera um acesso de indignação, acusando a administração de enganar a nação ao traduzir a dor e a ira decorrentes do Onze de Setembro em guerra contra uma ditadura que não tinha nada a ver com o ataque, e que até então já havia custado 4 mil vidas de americanos, um número cinco vezes maior de gravemente feridos, 100 mil iraquianos mortos, um rombo fiscal de 10 bilhões de dólares por mês, e nem remotamente tinha final à vista. Até mesmo os governistas mais leais reconheciam que a impopularidade da guerra e do presidente havia contribuído para a perda da maioria no Congresso nas eleições parlamentares de 2006. Congressistas com posições conservadoras de linha dura, como Mike DeWine, em Ohio, George Allen, na Virgínia, e Rick Santorum, na Pensilvânia - normalmente favoritos nas eleições de meio de mandato presidencial - perderam suas cadeiras; Santorum, pela maior diferença registrada em seu estado em vinte anos.

Enquanto sentiam o chão movendo sob seus pés, os republicanos não sabiam ao certo como se posicionar diante do país. Repudiar seus oito anos de administração estava fora de questão, mas manter certa "distância" parecia prudente. O máximo a que alguns candidatos se permitiriam chegar, como o senador John McCain, por exemplo, era admitir que houvera alguns "erros" de planejamento, tanto antes quanto depois da invasão, mas sempre insistindo na necessidade de "manter o curso", já que a única alternativa, "fugir ainda no lucro", proposta pelos democratas, era vergonhosa e irresponsável. Mas quando, nos debates na tevê, o candidato mais à direita, o deputado texano Ron Paul, acusou o presidente, o vice-presidente Dick Cheney e o secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, de passarem a perna na nação lançando-a em um conflito literalmente interminável, e de usurparem poderes inconstitucionais para calar a oposição, deu para sentir através da tela uma suada mudança de peso. Alguns políticos se esforçaram para mudar o assunto em direção a outra ameaça com potencial de enervar os patriotas: a imigração ilegal. Outros, como o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney, jogaram lenha na fogueira ao retorquir às perguntas sobre o fechamento de Guantánamo defendendo o aumento da prisão e de seus poderes de interrogatório.

Para os democratas, a eleição de 2008 seria o bálsamo em Galahad depois de quase trinta anos de sofrimento agudo. A ascendência conservadora inaugurada por Ronald Reagan havia sido interrompida pelas vitórias de Clinton em 1992 e 1996, mas para muitos, dentro do partido, essas foram vitórias de Pirro diante da avalanche republicana nas eleições de meio de mandato de 1994, quando a oposição ganhou o controle do Congresso, determinada a corrigir o que chamavam de aberração eleitoral, lançando mão de todas as máquinas de obstrução a seu alcance para frustrar as iniciativas do presidente. O processo de impeachment contra Clinton não havia ajudado. Nem o fato de a Suprema Corte ter entregado a Casa Branca ao candidato derrotado no voto popular. Os democratas pareciam condenados, em um futuro previsível, ao rótulo de liberais perdedores, afastados do sentimento do coração do país. A coisa pareceu piorar ainda mais quando, desprezando a noção debilitante de que deveriam reconhecer a estreiteza de sua vitória, George W. Bush e Dick Cheney passaram a agir como se tivessem um mandato triunfante.

E foi isso, mal sabiam os democratas (e eles certamente não sabiam mesmo), que acabou se tornando exatamente o que eles precisavam. A roda da sorte girou apenas uma ou duas casas. Quase não se ouviu o seu ranger. E tome arrogância. Os republicanos fizeram tudo o que queriam, e conseguiram o que foram buscar, só que não exatamente do jeito que imaginavam: uma batalha ilusoriamente rápida que se transformou em uma guerra infundável e impossível de vencer; um governo tão destituído que se tornou incapaz de atender com alguma competência aos desastres naturais que viriam a ocorrer (inclusive porque boa parte do efetivo da Guarda Nacional estava servindo no Iraque); cortes de impostos regressivos que substituíram o superávit de Clinton por déficits tão colossais que o futuro de programas de previdência social e saúde pública foi colocado em risco, no exato momento em que a geração baby-boom mais ia precisar dele. Para coroar isso tudo, o partido dos negócios, comprometido fazia tanto tempo com a desregulamentação, parecia estar presidindo a mais grave crise financeira desde a Depressão, depois que os bancos perderam ou cancelaram dívidas de bilhões de dólares de inadimplência de hipotecas.

Os democratas sabem que na verdade não é suficiente tirar o corpo fora enquanto apagam disfarçadamente do rosto o sorriso de "não fomos nós" e se apropriam dos ganhos do desgosto (embora no atual momento isso até que lhes serviria bem). Como os republicanos, eles também sentiram a mudança nas correntes marítimas e, como eles, também sentiram (e sentem) a incerteza ideológica quanto à direção a tomar para seguir a maré. Mas passaram a falar menos defensivamente sobre a integridade do serviço público, sobre a recuperação do senso de comunidade nos Estados Unidos, sobre uma versão da história da nação e da sua condição presente que de certa forma foi encoberta pela longa supremacia do individualismo exacerbado.

Às vezes, parece-me que, para seu próprio bem, deveríamos aposentar a palavra "narrativa" dos cursos de pós-graduação, dos analistas políticos, doutores de imagem, de qualquer um que não narre de verdade. Mas, talvez, não ainda. Histórias dos Estados Unidos a partir de perspectivas opostas aguardam para ser recontadas. Meu palpite é que será o mais irresistível contador de histórias, o melhor

historiador, que levantará o braço em frente ao presidente da Suprema Corte, em janeiro de 2009. Mas, então, eu penso que não serei eu essa pessoa?

A história que O Candidato contava à multidão republicana bem-vestida e bem penteada no almoço do dia da convenção do partido no quartel-general da Corporação Kum & Go era a dele próprio, uma vez que a estratégia padrão da campanha política moderna requer que o filme biográfico seja a plataforma. "Eu sou os Estados Unidos", diz o texto, "eu sou você", ou melhor, "a pessoa que você quer ser, e os Estados Unidos que você quer ver, não sou?"

Mitt Romney precisava desesperadamente de uma história, já que a alternativa seria a de outros a fazerem por ele, e nesse caso a história acabaria sendo inevitavelmente sobre seu mormonismo. Mas Mitt possuía precisamente o antídoto narrativo para dissipar suspeitas, ou seja, aquele do empresário cabeça-dura e coração mole, especialista em reviravoltas (as Olimpíadas de Inverno, a Commonwealth de Massachusetts), que foi pondo no mundo rapazes prolíficos e uniformemente bonitos, que por sua vez fizeram o mesmo, o que resultou em bebês inacreditavelmente lindos, colocados todos juntos nos braços de vovô Mitt no palco, e que pareciam estar em choque momentâneo, como se tivessem sido repentinamente privados de sorvete sem nenhum motivo, mas que mesmo assim conseguiam não cair no choro. Aquilo era um milagre de verdade, ou então o sorvete estava atrás do palco. Mas não dava para não gostar do vovô Mitt, tão sensacionalmente despojado diante dos Estados Unidos. Seu topete lustroso e escuro erguia-se do topo da cabeça; seu sorriso ortodonticamente imaculado brilhava, a linha da cintura apertada revelava o físico bem preparado; as mangas arregaçadas até os cotovelos já estavam prontas - para o quê, exatamente? Para abrir a porta de sua própria limusine? Romney usava frases completas com um charmoso tom de autodepreciação, uma combinação vitoriosa especialmente em uma elegante capital de estado como Des Moines. Teve até mesmo a coragem de citar diante da multidão republicana o historiador de Harvard David Landes, que ele considerava (equivocadamente, a não ser no sentido gladstoniano) um liberal clássico, mas cuja excepcional teoria de que as culturas políticas produzem economias, e não o contrário, Romney achava certíssima. Sua própria cultura era pura e ávida iniciativa, e, como se o quisesse demonstrar, movia-se ao redor da plataforma em econômicos passinhos curtos, como que dizendo "deixe-me dar um jeito nisso". Atrás de si, a grande Tribo de Romney parecia ter se multiplicado misteriosamente em um grupo ainda maior de loiros e bebês enquanto o comício prosseguia, de modo que o círculo ao redor de Mitt ia se fechando cada vez mais até que finalmente se tinha a impressão de que ele girava em si mesmo ao som da valsa de Iowa. Um passinho pra cá, outro pra lá, gira, inclina-se para a plateia, sorri.

*Iowa, Iowa, inverno primavera verão e outono.*

*Venha ver. Venha dançar comigo*

*A liiiinda valsa de Iowa.*

A multidão o aclamava. Ele era o seu Homem. Ele era o futuro. Ele era os Estados Unidos. No meio da aglomeração, perguntei aos dois filhos (de doze e de catorze anos) de Kristin, uma professora da Universidade de Boston, o que eles mais queriam ver assegurado pelo presidente Romney ao futuro do país, ao que eles responderam, com assustadora rapidez e certeza, "ah, um orçamento equilibrado". Você consegue entender o que eles querem dizer, embora cortar impostos até o osso, como o candidato recomendava, não parecesse, a curto prazo, ser a melhor maneira de atingir esse objetivo. Mas deixe Ryan e Scott à vontade na multidão, pensei, porque o Penteado já se deu bem.

[...]